

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direcção musical
Patricia Kopatchinskaja violino
IRCAM-Centre Pompidou electrónica
Worten Digitópia electrónica

29 Mai 2021 · 18:00 Sala Suggia

ANO ITÁLIA



casa da música

MECENAS WORDEN DIGITÓPIA

worten



Maestro Stefan Blunier sobre o programa do concerto.
[Vimeo . COM/555261092](https://vimeo.com/555261092)

CO-PRODUÇÃO



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Luca Francesconi

Corpo Elettrico, para violino e orquestra (versão viral) (2020; c.25min)*

— 2 andamentos contínuos

Jean Sibelius

Sinfonia n.º 4 em Lá menor, op. 63 (1911; c.35min)

1. Tempo molto moderato, quasi adagio
2. Allegro molto vivace
3. Il tempo largo
4. Finale: Allegro

*Estreia mundial; encomenda Stiftung Bamberger Symphoniker — Bayerische Staatsphilharmonie em parceria com Casa da Música, Radio France, L'Auditori Barcelona e LA Philharmonic Orchestra.

PORTRAIT LUCA FRANCESCONI — COMPOSITOR EM RESIDÊNCIA

Luca Francesconi

MILÃO, 17 DE MARÇO DE 1956

Corpo Elettrico, para violino e orquestra (versão viral)

A energia invisível no nosso corpo é a electricidade, a qual, a par da gravidade, é a força elementar mais significativa a que estamos sujeitos. Toda a nossa existência, todos os nossos pensamentos e acções, todas as nossas funções fisiológicas, apenas são possíveis através de processos sinápticos, intrinsecamente eléctricos, que ocorrem no nosso sistema nervoso.

Cada uma das minhas obras conta uma história. Não uma história que possa ser contada por palavras, como nalguma música programática, ou mesmo num poema sinfónico, mas antes uma história de transformação musical dos elementos, como num processo químico. A música, claro, não é um processo químico natural, no sentido em que é produzida pelo homem e parte de uma cultura, um processo cultural — este é um aspecto importante. Quanto muito, a música é uma mistura de fisiologia e cultura, um mundo espiritual, se quiserem.

O meu novo concerto para violino intitula-se *Corpo Elettrico*. Retoma algumas das ideias que desenvolvi por um longo período enquanto trabalhava no IRCAM. A obra começa com um solo de violino, com uma coloração enraizada na tradição musical do Oriente. É uma espécie de grito, um lamento. Depois desse solo, o material transforma-se na base do *tutti* orquestral, como é habitual num concerto para violino tradicional. O solo tenta lidar com isso, mas alguma coisa não bate certo. O violino quer participar e sustentar a orquestra, mas consegue-o cada vez menos e reage de forma ilógica e caprichosa. Assim, em vez

de sustentar a orquestra, o violino influencia-a e infiltra-se nela, destruindo a estrutura arquitectónica do concerto tradicional com solista. A lógica tradicional da música ocidental — um entrelaçado harmónico entre solista e orquestra — é destruída quando o violino solo desafia a orquestra e inicia a sua própria transformação. O violino torna-se “eléctrico”, e transforma-se numa série de distorções de guitarra eléctrica através da técnica *rake* (que produz um som áspero e percussivo), algo semelhante ao estilo “uivante” de Jimi Hendrix. Nesse processo, a força expressiva do violino supera certamente mais de cem vezes o som que se conseguiria obter com uma guitarra. Desencadeia-se uma tempestade eléctrica, talvez comparável a uma convulsão epiléptica. Esta apodera-se da solista e liberta-a das velhas convenções. Todos os clichés de como uma peça deve soar, de como deve ser construída em termos de altura, beleza tonal e simetria, colapsam. A única coisa que resta é o som. A energia da solista transforma-se de energia interior em energia exterior. É uma verdadeira explosão de energia, que, num certo sentido, se torna um grito de esperança.

Tenho muita fé na inteligência do público. Acho que os ouvintes são muito mais curiosos, muito mais inteligentes do que muitas vezes se pensa. O meu objectivo é quebrar os “blocos de Lego” que são as formas e expectativas pré-concebidas. Quero encorajar o público a não pensar e ouvir seguindo os seus instintos!

LUCA FRANCESCONI, 2021*

Tradução: Joaquim Ferreira

*Entrevistado por Marcus Imbsweiler.
© Stiftung Bamberger Symphoniker
— Bayerische Staatsphilharmonie

Jean Sibelius

HÄMEENLINNA, 8 DE DEZEMBRO DE 1865

JÄRVENPÄÄ, 20 DE SETEMBRO DE 1957

Sinfonia n.º 4 em Lá menor, op. 63

“Este é o momento crucial, a última oportunidade para fazer algo de mim mesmo e alcançar grandes feitos.”

(Carta de Sibelius para a sua mulher, enviada da Alemanha, em 1905)

“[A minha 4.ª Sinfonia] permanece como um protesto contra a música actual. Não tem nada, absolutamente nada do circo à sua volta.”

(Carta de Sibelius para Rosa Newmarch, enviada em 1911, após a estreia)

Entre estas duas declarações e o período de cinco a seis anos que as mesmas abrangem, situam-se acontecimentos na vida de Sibelius que iriam definir o seu futuro caminho composicional: desde a influência inicial de Anton Bruckner, especialmente a 3.ª Sinfonia com as suas enormes proporções, longos trechos em ostinato e perspectivas místicas mais calmas; também a descoberta do Kalevala (o épico folclórico nacional da Finlândia, escrito em poemas arcaicos ou runas); ou, melhor dizendo, todo o movimento da cultura popular finlandesa começava a fascinar Sibelius, tal como o próprio relatou em cartas enviadas de Viena à sua noiva, em 1890. Mais precisamente, começava a encontrar inspiração na natureza ‘moderna’ da própria língua antiga, na criação do mundo, nos deuses e heróis, tal como apresentados no Kalevala. A sua ambição de juventude foi reforçada (após um período inicialmente difícil de estudos em Berlim) pelo rápido sucesso das suas duas primeiras

sinfonias, acreditando Sibelius que a aceitação como um sério talento ‘moderno’, na Europa Central, estava ao seu alcance.

As entradas num diário começado em 1909 mostram-nos que, nessa altura, apesar da chegada de duas filhas mais novas e de uma vida familiar mais estável no seu retiro campestre em Ainola, Sibelius sofria de graves problemas financeiros. Porventura devido ao seu estilo de vida desregrado, via-se agora também acosado por um doloroso tumor na garganta e a resultante ameaça de cancro. Teve de se submeter a cirurgias em Helsínquia e Berlim e de se abster, por indicação médica, de álcool e tabaco, dois importantes escapes emocionais e anteriores auxiliares à inspiração.

Agora mais autocrítico do que nunca, e sofrendo de crises de depressão, Sibelius viu-se como que alienado do sucesso e dos novos desenvolvimentos musicais em França e na Alemanha. A sua descoberta, pessoal e única, do folclore e da cultura finlandesa era então interpretada como mero provincianismo, ‘nacionalismo’, enquanto as suas revisões musicais de elementos clássicos na 3.ª Sinfonia e as poderosas e expressivas harmonias da 4.ª não foram bem recebidas ou compreendidas.

Por altura da 4.ª Sinfonia, Sibelius via o desenvolvimento sinfónico em termos de “gravidade e estilo e a lógica profunda que criava uma ligação interna entre todos os motivos”. Na realidade, a maior parte da retórica heróica das primeiras obras desapareceu: no 1.º andamento, uma atmosfera de solidão desesperada é sustida por via de uma escrita apaixonada nas cordas e longos ostinatos ‘kalevalicos’. As passagens angulares, em conflito, nos metais, que caracterizam o seu estilo posterior, desenrolam-se aqui juntamente com um novo e inflexível uso da dissonância, sendo estas exposições depois estranhamente alternadas

com passagens de uma tranquilidade quase extenuada. As aberturas relativamente simples dos restantes movimentos configuram grande parte da dificuldade em compreender o tenso drama psicológico desta sinfonia. O *scherzo* melancólico (2.º andamento), uma colagem de trechos *scherzo* ao estilo da *Sinfonia* de Berio, mergulha numa luta amarga e enlouquecida; a simplicidade inquisidora das frases de abertura do 3.º andamento contradiz a posterior busca desesperada de redenção resolutamente negada pelo compositor, enquanto o *Finale* contraria da mesma forma as sinceras frases de abertura, fragmentando-se uma vez mais num desespero sombrio. Poderia algo estar mais longe das afirmações heróicas e robustas representações do mundo natural, tal como expressas na 5.^a Sinfonia apenas quatro anos mais tarde?

JONATHAN AYERST, 2009

Tradução: Joaquim Ferreira

Stefan Blunier direcção musical

Na temporada 2020/21, Stefan Blunier regressa à Ópera Alemã em Berlim (*Carmen* de Bizet) e à Deutsche Oper am Rhein (*Salomé* de Strauss). Dirige as orquestras de diversas cidades, incluindo Porto, Berna, Munique, Genebra e St. Gallen, e faz uma digressão na Bélgica. Foi nomeado Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, posição que assume em 2021.

Em temporadas recentes, dirigiu *Wozzeck* no Grand Théâtre de Genève, seguindo-se uma produção de *O Barão Cigano*. De seguida apresentou *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, após as bem-sucedidas produções de *Daphne*, *Tristão e Isolda* e *Carmen*. É regularmente convidado da Ópera Alemã em Berlim, onde dirigiu *Salomé* e *Die Fledermaus*. Dirigiu ainda *Diálogos de Carmelitas* de Poulenc na Ópera de Hamburgo e *Les Contes d'Hoffmann* na Ópera Norueguesa e na Komische Oper Berlim. O arranque da temporada passada foi marcado por uma nova produção de *Der ferne Klang*, de Schreker, na Ópera Real Sueca.

Com as produções de *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Stefan Blunier ajudou a Orquestra e a Ópera de Bona a ganharem maior visibilidade durante o seu mandato enquanto Director Geral de Música (2008-16). Editadas pela Dabringhaus & Grimm, estas produções foram reconhecidas com dois prémios ECHO Klassik para “disco de ópera do ano” (2011 e 2012) e o Prémio da Crítica Alemã 2012 (*Irrehole*). O seu trabalho em Bona deu origem a uma discografia impressionante, tendo gravado obras menos conhecidas de Bruckner, Liszt e Franz Schmidt bem como um ciclo de Beethoven. Outros compromissos operáticos levaram Stefan Blunier a cidades como

Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo e Londres.

Stefan Blunier já foi convidado para dirigir praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Filarmónica de Ludwigshafen, a Sinfónica de Duisburg e as principais orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Mais recentemente, dirigiu a Sinfónica NHK (Japão), a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, as Filarmónicas de Rheinland-Pfalz e do Sul da Holanda, a Orquestra da Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi Maestro Convidado Principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-13).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção de orquestra em Berna e na Universidade das Artes Folkwang em Essen. É fundador do Ensemble para a Nova Música de Essen. Depois das bem-sucedidas participações nos Concursos de Besançon e Malko, foi nomeado Maestro Titular Associado em Mannheim e Director Musical e Maestro Titular em Darmstadt (2001-08), antes de assumir o seu mandato em Bona. Entre 2008 e 2016, foi Director Geral de Música na Ópera de Bona e na Orquestra Beethoven de Bona.

Patricia Kopatchinskaja violino

Combinando profundidade, brilho e humor, a violinista Patricia Kopatchinskaja traz para as suas interpretações um inimitável sentido teatral. Seja a tocar os concertos para violino de Tchaikovski, Ligeti ou Schoenberg, ou a apresentar projectos originais que desconstroem a música de Beethoven, Ustwolskaja ou Cage, a sua abordagem distinta vai sempre ao encontro da essência das obras.

Ao longo da temporada 2019/20, apresentou várias obras em estreia mundial: um novo duo de Márton Illés numa digressão aos Estados Unidos com o violoncelista Jay Campbell; o concerto para violino do mesmo compositor com a Sinfónica da WDR; e uma nova obra encomendada a Francisco Coll, tocada na Primavera de 2020 com a Filarmónica de Luxemburgo e Gustavo Gimeno. Apresenta-se regularmente com artistas como Polina Leschenko, com quem realizou recentemente uma digressão ao Japão e aos Estados Unidos da América; e Reto Bieri, com quem estreou um novo programa em trio no Wigmore Hall (com Leschenko).

Da temporada 2020/21, destacam-se as residências na Alte Oper de Frankfurt, na Elbphilharmonie de Hamburgo, na Sinfónica da SWR e na Sinfónica de Bamberg. Entre Janeiro de 2021 e o final da temporada 21/22 é uma dos três Artistas Associados do Southbank Centre. A violinista continuará a apresentar obras de compositores vivos, como Luca Francesconi, Michael Hersch, György Kurtág e Márton Illés, nos seus projectos variados e inovadores — como *Bye Bye Beethoven* ou a gravação vídeo do poema dadaísta *Ursonate* de Kurt Schwitter.

Outros projectos de Patricia Kopatchinskaja passam pela exploração de música encenada através de contextos contemporâneos, de que

é exemplo *Dies Irae* — uma desconstrução da experiência tradicional do concerto inspirada pela crescente crise climática. A sua produção de *Pierrot Lunaire* vai ser apresentada em digressão pela Europa, nesta temporada, sendo depois lançada em disco. O projecto *What's Next Vivaldi?* com o ensemble Il Giardino Armonico, que inclui nova música de compositores contemporâneos, foi lançado em CD no Verão de 2020. *Les Plaisirs Illuminés*, o seu disco mais recente com a Camerata Bern e a violoncelista Sol Gabetta, foi Escolha do Editor da revista Gramophone.

Mantém uma relação próxima com a Camerata Bern, com a qual toca regularmente na Suíça e em digressão e gravou o disco *Time and Eternity* (2019). Foi Artista Associada da Orquestra de Câmara de St. Paul entre 2014 e 2018. É embaixadora humanitária da Terre des Hommes, a principal instituição suíça de solidariedade social dedicada às crianças. Recebeu o Grande Prémio de Música (2017) atribuído pelo Gabinete Oficial de Cultura Suíço e foi Artista em Residência de vários festivais, incluindo os de Lucerna (2017) e Ojai (2018). Ganhou o Grammy Award 2018 na categoria de “melhor interpretação em música de câmara e pequeno ensemble”, pelo disco *Death and the Maiden* com a Orquestra de Câmara St. Paul (editado pela Alpha), e foi nomeada em 2014 na categoria de “melhor solista instrumental clássico” por um disco lançado pela Naïve.

Serge Lemouton

realização informática musical IRCAM

Serge Lemouton estudou violino, musicologia, escrita e composição, antes de se especializar nos diferentes domínios da informática musical no departamento Sonvs do Conservatório Nacional Superior de Música de Lyon. Desde 1992, trabalha como realizador de informática musical no IRCAM. Colabora com os investigadores do IRCAM, desenvolvendo ferramentas informáticas e participando na produção de projectos musicais de vários compositores, entre os quais Florence Baschet, Laurent Cuniot, Michael Jarrell, Jacques Lenot, Jean-Luc Hervé, Michaël Levinas, Magnus Lindberg, Tristan Murail, Marco Stroppa e Frédéric Durieux. Foi responsável pela produção e pela interpretação em tempo real de várias obras de Philippe Manoury, tais como *K...*, *La Frontière*, *On-Iron* e duas *Partitas*, além da ópera *Quartett* de Luca Francesconi.

IRCAM-Centre Pompidou

electrónica

O IRCAM — Instituto de Pesquisa e Coordenação em Acústica e Música — é um dos maiores centros públicos de investigação dedicados tanto à expressão musical como à pesquisa científica, um local único onde as sensibilidades artísticas se encontram com a inovação científica e tecnológica. Juntando 160 pessoas, o instituto é dirigido por Frank Madlener desde 2006.

As três principais actividades do IRCAM — criação, investigação, transmissão — manifestam-se na temporada parisiense de concertos do instituto, em produções por toda a França e noutros países, e nos seus dois festivais anuais:

ManiFest, que combina um festival internacional com uma academia multidisciplinar, e Vertigo, um fórum que apresenta as mutações técnicas e os seus efeitos tangíveis na criação artística.

Pierre Boulez fundou o IRCAM sob a alçada do Centre Pompidou e do Ministério Francês da Cultura e da Comunicação. O laboratório de investigação STMS (Ciências e Tecnologias para a Música e Som), situado no IRCAM, beneficia também do apoio do CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica) e da Universidade Sorbonne.

Em 2020, o IRCAM criou o Ircam Amplify, um *spin-off* para a comercialização das inovações áudio do instituto. Uma verdadeira interface entre o estado da arte da pesquisa áudio e o mundo industrial numa escala global, o Ircam Amplify é um agente importante na revolução sonora do século XXI.

Worten Digitópia electrónica

A Worten Digitópia engloba toda a produção digital da Casa da Música: gravação, edição e transmissão — áudio e vídeo —, apoio tecnológico, criação na área da música electrónica, programação e desenvolvimento, investigação e formação. É constituída por uma equipa jovem mas altamente especializada e multidisciplinar. O seu âmbito de acção é bastante alargado, incluindo actividades e projectos como o desenvolvimento de software e hardware, a realização de oficinas educativas e formações especializadas, o trabalho com comunidades, o apoio aos agrupamentos residentes da Casa da Música, a produção científica e artística, a criação de conteúdos musicais e vídeo e a recolha e transmissão de concertos. Tem como missão criar as pontes necessárias para que o público, as comunidades e os artistas possam ter acesso às realidades musicais que as novas

tecnologias possibilitam. Acredita na difusão livre de conhecimento e no desenvolvimento de ferramentas com código aberto (*open source*) e tem uma visão integrada do conhecimento, desde a pesquisa à sala de concerto.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, estando programada para 2021 a sua primeira actuação na emblemática Philharmonie de Colónia. Ainda este ano, apresenta um ciclo dedicado

às sinfonias de Sibelius e novas encomendas da Casa da Música aos compositores Luca Francesconi, Francesco Filidei e Carlos Lopes.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017) e Harrison Birtwistle (2020), além de obras de compositores portugueses e da integral dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

Martyn Jackson
Álvaro Pereira
Radu Ungureanu
Tünde Hadadi
Emília Vanguelova
Maria Kagan
Roumiana Badeva
Andras Burai
José Despujols
Vadim Feldblioum
Vladimir Grinman

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Karolina Andrzejczak
Pedro Rocha
Lilit Davtyan
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Paul Almond
Nikola Vasiljev

Viola

Mateusz Stasto
Anna Gonera
Jean Loup Lecomte
Francisco Moreira
Luís Norberto Silva
Hazel Veitch
Biliana Chamlieva

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
João Cunha
Aaron Choi
Bruno Cardoso

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Jorge Villar Paredes
Tiago Pinto Ribeiro
Joel Azevedo
Altino Carvalho

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Telma Mota*
Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
Gergely Suto
João Moreira

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Carneiro
José Bernardo Silva
Bohdan Sebestik

Trompete

Ivan Crespo
José Almeida*
Rui Brito

Trombone

André Conde*
José Rosas*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*
Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan

Sintetizador

Jonathan Ayerst*
Luís Filipe Sá*
Vitor Pinho*
Luís Duarte*

Guitarra baixo

Carlos Garrote*

Electrónica (assistência)

Óscar Rodrigues**

Engenheiro de som IRCAM

Luca Bagnoli***

* instrumentistas convidados

** Worten Digitópia

*** IRCAM-Centre Pompidou

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

